

ENCONTRANDO BRECHT E MARX: UM HOMEM É UM HOMEM

Vagner de Souza Vargas¹

Doutorando em Educação
Universidade Federal De Pelotas
vagnervarg@gmail.com

Denise Marcos Bussoletti²

Doutora em Psicologia,
Faculdade de Educação.
Universidade Federal De Pelotas
denisebussoletti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo do período histórico, o teatro sofreu influências e também influenciou os acontecimentos sociais, políticos, culturais e econômicos de seu tempo. Não apenas nas montagens cênicas, como também na dramaturgia, os autores buscaram levar discussões teóricas, filosóficas e sociais para serem debatidas por seus personagens no palco ao longo do evento teatral (BERTHOLD, 2011; CARLSON, 1997).

Berthold Brecht (1898-1956) foi um importante diretor, dramaturgo, teatrólogo e pedagogo alemão que rompeu com muitos dos paradigmas até então firmados no teatro no início do século XX. Além de propor mudanças estéticas, Brecht propunha que seus espectadores fossem ativos durante o evento teatral, promovendo uma relação onde não mais haveria a ilusão e o encantamento comuns nas peças de teatro até o final do século XIX. Muitas das propostas de Brecht se devem à forte influência

¹ Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Bolsista CAPES, Ator, Licenciado em Teatro.

² Doutora em Psicologia, Pró-Reitora de Extensão e Cultura, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.

que ele sofreu pelas ideias de Carl Marx (1818-1883), de sua vontade em contrapor e criticar as ideologias políticas e econômicas de seu tempo. Além disso, Brecht, em suas peças, também buscava propor a reflexão sobre quem eram os homens de seu tempo, quais eram as características de identidade e alteridade presentes até então, de como essas questões eram impostas pelos governos e aceitas pelas massas, sem um posicionamento crítico de enfrentamento (PEIXOTO, 1968; CARLSON, 1997; BERTHOLD, 2011).

Nesse sentido, em 1924, Berthold Brecht escreve o espetáculo *Um Homem é Um Homem* (1924/26), em que conta a trajetória do personagem Galy Gay, um homem simples, estivador, que um dia sai de casa para comprar um peixe para o almoço e acaba se transformando em um assassino sanguinário, lutando em uma guerra, com ideais que ele desconhece. Nessa obra, além de suas características estéticas, estilísticas e suas propostas de aliar reflexão ao entretenimento no teatro, Brecht traz à cena questionamentos importantes sobre identidade, mais valia, processo de trabalho e alienação dos trabalhadores. O objetivo desse artigo será o de apresentar a história do texto de teatro *Um Homem é Um Homem*, escrito por Bertold Brecht e relacioná-lo com algumas questões presentes nas propostas de Carl Marx.

UM HOMEM É UM HOMEM E ESTÁ EXPOSTO AS SUAS VICISSITUDES

Quando dizemos que Brecht pretendia que seus espectadores não fossem passivos, não estamos simplificando suas propostas teatrais para a mera aceção de que as plateias devessem participar das peças de teatro de maneira a interferir verbalmente ou fisicamente nelas. Não, a teoria brechtiana vai muito além disso! O autor alemão pretendia que seus espectadores fossem ativos no sentido de significação do evento teatral, inicialmente pelo *Verfremdungseffekt* (ou efeito de distanciamento), quando o público percebe que não há o acontecimento da ilusão e sim uma representação que conta uma história verdadeira, enquanto criação artística de construção das personagens pelos atores, mas que não é real do ponto de vista da percepção do evento teatral em si. Além disso, ao distanciar a noção de ator e personagem, realidade e representação, os espectadores abrem um espaço, como um

hiato, onde a significação é estimulada justamente por este estranhamento. Um momento em que, ao percebermos duas situações distintas, porém presentificadas em um acontecimento único, somos obrigados a iniciar o processo reflexivo de maneira natural, o que nos conduzirá à significação das informações contidas nos elementos estéticos, cênicos, históricos e nos conteúdos teórico-filosóficos ali inseridos na história (PEIXOTO, 1968).

Obviamente que esse processo não é de fácil alcance ao público em geral, uma vez que, até àquele momento, a arte teatral não buscava esse tipo de relação com a plateia, nem a promoção desse tipo de percepção em seus espectadores. Por esse motivo, Brecht defendia que, se um espetáculo conseguisse fazer com que apenas um de seus espectadores saísse dali pensando e refletindo sobre as questões ali apresentadas, a missão desses artistas já estava cumprida. Desse modo, uma de suas propostas também pretendia fomentar o estímulo à formação de repertório estético-reflexivo em seus espectadores. Para ele, a estética e a poética, no caso do teatro, seriam os meios para se alcançar a conscientização popular para os seus direitos e deveres em uma sociedade com graves problemas de todas as ordens (PEIXOTO, 1968).

A contextualização desses fatos é trazida aqui para percebermos as influências que Brecht trazia em suas propostas, baseadas em um processo de conscientização da população que se daria ao longo de um processo histórico lento e gradual. No seu caso, a arte e a estética seriam os meios pelos quais se poderia efetivamente alcançar esses objetivos de maneira eficaz.

Muitos dos textos para teatro escritos por Bertold Brecht trazem o contexto de períodos entre guerras ou mesmo durante elas. Neles, questões sobre identidade e alteridade de homens e mulheres perante à barbárie estão sempre em voga. Devido as suas fortes críticas à sociedade burguesa, à exploração dos meios de produção, à perda de direitos humanos e civis das populações, além das intensas críticas aos regimes fascistas europeus, Brecht foi extremamente perseguido durante toda a sua carreira artística (PEIXOTO, 1968).

Nesse contexto, surge o texto *Um Homem é Um Homem*, retratando um período de guerra em que homens e mulheres lutam pela sua sobrevivência em face à devastação provocada pela guerra. Galy Gay, o protagonista da história, é um homem simples, o qual acorda pela manhã e, na trivialidade de uma conversa com sua esposa, refere o desinteresse pela rotina e a falta de perspectivas de sua profissão como estivador. O personagem não se reconhece como elemento importante à sociedade, muito menos sua função para o desenvolvimento do país. Ante à falta de perspectivas e desesperança, em meio à rotina, sua esposa lhe pede que ele saia para comprar um peixe para o almoço (PEIXOTO, 1968).

No meio do caminho, Galy Gay é surpreendido por uma vendedora que lhe convence que a mudança de ideias é sempre uma alternativa melhor e, por esse motivo, ele deveria desistir de sua ideia inicial e trocar a sua compra por um pepino. Aqui, Brecht utiliza o elemento “pepino” como metáfora para que a falta de certeza, referenciais, senso crítico, consciência sócio-política e princípios pode fazer com que qualquer homem faça as escolhas que lhe sugerem, mesmo que elas lhe sejam inadequadas. Esse é apenas o primeiro passo que o autor nos conduz para refletir sobre a falta de formação, percepção dos papéis e funções sociais, além do auto conhecimento dos cidadãos. Logo após essa cena, Galy Gay encontra um grupo de soldados britânicos que havia perdido um de seus elementos do grupo e precisavam de alguém para compor o quarteto, com o objetivo de que os oficiais do exército não percebessem a falta de um soldado (PEIXOTO, 1968).

Nesse momento, começa um debate entre os personagens em que a identidade de Galy Gay é posta à negociação com os soldados. Galy Gay, devido a sua ingenuidade e por não dispor de maiores informações sobre os acontecimentos sociais e políticos, acredita que a proposta dos soldados possa lhe ser mais vantajosa. Com isso, o protagonista aceita vender a sua identidade em troca de uma garrafa de cerveja (PEIXOTO, 1968). Ao expor os fatos dessa maneira, Brecht, muito sutilmente, vai apresentando ao espectador os fatos de que quaisquer banalidades possam ser motivos para o indivíduo perder a noção de sua função e importância social, sua identidade e seus princípios, quando não dispõe de repertório reflexivo e/ou não está atento às necessidades críticas sobre o que lhe é proposto socialmente. O refinamento

com que Brecht expõe esses elementos no argumento dramaturgico vem ao encontro de suas propostas de sempre aliar reflexão e entretenimento em seus espetáculos. Ao criar cenas e contextos que, por seu próprio absurdo e trivialidade fora do convencional, o autor conduz o tom cômico e crítico de maneira a estimular que entretenimento e reflexão crítica estejam sempre caminhando juntos em sua obra.

Apesar de todos os recursos estéticos utilizados pelo autor para compor um espetáculo com reflexões profundas e, ao mesmo tempo, possibilitar o entretenimento dos espectadores, observamos que, nas metáforas utilizadas até esse momento da história, estão presentes críticas à falta de posicionamento das populações ao que lhes era imposto pelos governos e poderes militares. Além disso, Brecht também trazia à cena o fato de que qualquer cidadão poderia vender sua alma a uma causa da qual ele nem saberia o propósito, pois se desconhece inclusive como elemento constituinte e atuante dessa sociedade em crise e em guerra.

Galy Gay, ao entrar para o exército de outro país, com uma identidade falsa, começa a buscar na fonte de seu trabalho como soldado a proteção dos ideais de um país desconhecido, assim como a vitória na produção do seu trabalho. Nesse momento, para enganar Galy Gay sobre quais seriam os frutos e a utilidade da produção de sua força de trabalho, os outros soldados o ludibriam por meio do álcool e entretenimento, com falsas promessas de prosperidade, caso consigam melhores resultados em suas empreitadas. Nesse trecho, Brecht expõe de maneira inteligente o fato de os cidadãos perderem o seu valor tanto no que se refere à individualidade, quanto à falta de percepção do que sua força de trabalho produz pode realmente não estar melhorando a sua qualidade de vida. Podemos relacionar essa situação ao que Marx (2004, p.80) refere ao dizer que: “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz. Quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão”.

O poder de Galy Gay dentro do grupo de metralhadoras vai aumentando à medida que ele aceita negar suas raízes culturais e sua identidade. Essa situação é exposta de maneira que o personagem parece não ter possibilidades de mudanças após à tomada de uma decisão. Brecht questiona o livre arbítrio dos cidadãos ao propor a canção:

*Inútil reter a onda
Que se quebra a teus pés
Estando à beira-mar
Novas ondas virão se quebrar.*
(BRECHT, In: PEIXOTO, 1968, p. 46)

Intencionalmente, Brecht traz esse texto sugerindo ao espectador que os cidadãos devam aceitar os fatos da vida de maneira passiva, uma vez que eles sempre serão sucedidos por outros acontecimentos inevitáveis do destino. Porém, o autor expõe os fatos dessa maneira, com o objetivo de provocar um estranhamento intencional e deixar a dúvida sobre a falta de enfrentamento ao que é imposto pelos governos. Logo em seguida, em outra canção, Brecht propõe a seguinte reflexão:

*Por mais que olhes um rio
Que corre lentamente
Nunca verás a mesma água
Nunca ela retorna
Essa que desce
Nenhuma gota retorna*
(BRECHT, In.: PEIXOTO, 1968, p.54).

Ao propor uma reflexão, baseada em Heráclito, Brecht desassossega o espectador a perceber que os seres humanos estão em constante mutação, ou seja, as vivências e experiências podem agregar pensamentos e percepções outras, as quais poderão permitir aos indivíduos mudarem a sua situação, inclusive sobre o que acreditam serem seus destinos, uma vez que seus processos históricos os tornam outras pessoas ao longo do tempo. Essa reflexão também instiga o espectador/leitor a refletir sobre possibilidades de mudanças sociais em instâncias mais amplas, não se conformando com o que já está estabelecido pelos poderes dominantes. Entretanto, logo em seguida, o personagem Galy Gay é confrontado com o dilema proposto por

seus colegas soldados, em que, para progredir na carreira militar e aumentar seu poder, o protagonista deverá negar a sua identidade, matar o seu *eu* para assumir a nova condição que a carreira militar está lhe oferecendo. Nesse momento do texto é realizado um enterro fictício de um homem anônimo, como se as identidades afastadas do exército fossem descartáveis e facilmente vendidas em troca de poder, estabilidade e segurança. Assim, Galy Gay diz:

Eu não poderia, sem morrer em seguida, contemplar em um caixão, o rosto vazio de um homem, cuja imagem um dia eu vi refletida na água da fonte e, agora, eu sei, está morto. Por isso, eu não posso abrir esse caixão, pois esse medo se apoderou dos meus eus. E eu, meu eu e o outro eu, nós somos úteis e, por isso, somos utilizáveis.
(BECHT, In.: PEIXOTO, 1968, p. 69)

A presença da crítica à apatia popular em face dos regimes fascistas fica evidente neste trecho. O autor, de maneira sutil, coloca possibilidades de mudanças e de outras escolhas ao personagem, assim como o temor da tomada de tais atitudes. No entanto, o personagem opta pela apatia, pela não tomada de um posicionamento seu e assume a identidade, os ideais e as causas que os demais estão lhe propondo, sem questionar as consequências que essa atitude causará em sua vida. Aqui, Brecht expõe que a alienação e a submissão seriam situações diretamente associadas à perda de identidade e alteridade à condição humana, tornando os cidadãos meros joguetes dos interesses de outrem.

Cada vez mais, Galy Gay se torna um soldado obstinado, melhorando suas atitudes e atividades militares. Porém, sem compreender os objetivos de seu trabalho, muito menos sem compreender a real função de uma artilharia em uma guerra que ele mesmo desconhece. Galy Gay se entrega ao seu trabalho, sem se reconhecer nele, sem nem ao menos possuir uma identidade constituída ao longo de sua trajetória de vida. Na medida em que Galy Gay se torna mais soldado, mais ele esquece quem é e mais ele se entrega a sua decadência. Apesar dos conceitos presentes nas teorias marxianas estarem contidos em outros contextos e se proporem a outras discussões, trazemos aqui o que Tumolo (2005) refere sobre a niilização humana dizer que:

No capitalismo, a construção do *gênero humano por intermédio do trabalho, dá-se pela sua destruição, sua emancipação efetiva-se pela sua degradação, sua liberdade ocorre pela sua escravidão, a produção de sua vida realiza-se pela produção de sua morte. Na forma social do capital, a construção do ser humano, por meio do trabalho, processa-se pela sua **niilização**, a afirmação de sua condição de sujeito realiza-se pela negação dessa mesma condição, sua **hominização** produz-se pela produção de sua reificação* (TUMOLO, 2005, p. 254-255).

Galy Gay aceita a nova função que lhe foi ofertada, dada a desesperança em que ele se encontrava em uma Europa devastada durante um período entre guerras. Apesar da estética brechtiana ser categorizada dentro do expressionismo, o autor também reforça algumas questões presentes no teatro do absurdo e com questões contemporâneas atuais que podemos relacionar aos fatos históricos dessa peça. A falta de esperança na melhora das questões sociais, econômicas e políticas, também potencializava a perda de identidade dos indivíduos que não se enxergavam enquanto peças importantes de uma engrenagem que fazia a máquina social funcionar da maneira que se estava conduzindo a sociedade europeia daquele tempo. Brecht expunha esses fatos, provocando os espectadores a refletirem sobre quais as consequências que a alienação, passividade e apatia da função social dos cidadãos podem repercutir na vida de toda a sociedade.

Apesar de Galy Gay aceitar assumir uma nova identidade, ao longo de todo o texto, o personagem refere que sabe que não é quem diz ser. O protagonista busca sua alteridade no trabalho com os demais, mas ele não se reconhece, não se identifica, pois não há a identificação da sua real funcionalidade como soldado, muito menos da justificativa para tal guerra. Marx (2004, p.86), ao falar sobre o processo de alienação, refere que: “Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu genérico quer dizer que um homem está estranhado do *outro* assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana”. Ao alienar-se como profissional e como *persona*, Galy Gay aliena-se, inclusive, da sua condição humana e assume para si o caráter de um personagem em um jogo metalinguístico, em que o pacato estivador, acaba se transformando em um soldado sedento por lutas, guerras e sangue.

Galy Gay assume sua nova identidade como soldado, esquecendo, também, de sua esposa. Porém, durante o diálogo de reencontro do casal, o protagonista, ao negar

três vezes ser a pessoa que sua esposa veio buscar, refere que, mesmo que tivesse sido um estivador, essa função de nada lhe teria agregado aspectos positivos e possibilidades de crescimento na vida. Ao mesmo tempo, Galy Gay também reflete sobre o fato de estar preso em um grupo de soldados, desenvolvendo uma atividade sobre a qual ainda não houve a compreensão de sua funcionalidade. Nesse trecho, mesmo o protagonista estando inserido em um grupo social, Brecht nos convida a refletir sobre o fato de que a própria alienação do trabalho pode levar os cidadãos a não compreenderem a sua função social e seu papel como possíveis agentes de mudança e, assim, nesse fluxo, serem conduzidos a escolhas com sérias repercussões negativas em suas vidas. Se as significações de identidade e alteridade estiverem alienadas em um grupo social, assim como o trabalho, se abre um abismo niilista ante esses indivíduos que apenas são levados pelos movimentos que lhes são impostos. Aqui, podemos traçar um paralelo com o que Marx (2004) refere ao dizer que:

O trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito (MARX, 2004, p. 82-83).

O conceito de trabalho exposto por Marx (2004) no trecho acima vem ao encontro dos princípios colocados por Brecht nas situações de suas personagens. Os questionamentos existenciais das personagens em *Um Homem é Um Homem* não se fixam apenas nas situações relacionadas à identidade e alteridade. Nessa peça, o dramaturgo consegue trazer questionamentos sobre conceitos *outros*, de maneira a fomentar reflexões nos espectadores sobre o processo de trabalho, alienação, ambição, mais valia e a importância da conscientização social para não conduzir a população ao caos bélico, com a sua futura destruição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura do texto da peça de teatro *Um Homem é Um Homem*, podemos perceber que seu autor, Bertold Brecht, levava suas transgressões estilísticas para além da estética, propondo que o teatro seria um importante meio para se atingir à significação da conscientização dos papéis e funções sociais dos indivíduos em sociedade. As fortes influências de Carl Marx acompanharam os textos de Brecht de maneira não explícita, muito menos simplista, mas por meio da construção de situações em que os conceitos de Marx poderiam ser utilizados para convidar os espectadores/leitores à reflexão.

O contexto de guerra está presente em diversos textos teatrais de Brecht. Obviamente que essa situação também está relacionada ao momento histórico que a Europa vivia durante às grandes guerras do século XX, período esse em que se deu o maior volume de produção dramaturgica do teatrólogo alemão. Mas, mesmo o contexto de guerra durante as histórias das peças também não era proposto em vão, pois, como diz Arroyo (2014):

[...] toda experiência social, até as mais brutais, de sofrimentos, de vitimização, de opressão, produz conhecimentos, indagações radicais, leituras lúcidas de si e do mundo, leituras das relações de poder, de expropriação de suas terras, leituras dos extermínios [...] Experiências tão radicais que produzem saberes radicais (ARROYO, 2014, p.14).

Esses foram alguns dos objetivos do trabalho de Bertold Brecht: produzir mudanças radicais que gerem saberes radicais. O seu meio para promover essa mudança social era o teatro. Portanto, observamos que, o texto analisado, nos propicia diversas possibilidades para refletirmos sobre os conceitos presentes na obra de Karl Marx, assim como sobre identidade e alteridade dos indivíduos em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo/SP: Perspectiva, 2011.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro**. São Paulo/SP: UNESP, 1997.

MARX, C. **Trabalho estranhado e propriedade privada**. In: ANTUNES, R. (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo/SP: Expressão Popular, 2004.

PEIXOTO, Fernando. **Brecht: vida e obra**. Rio de Janeiro/RJ: José Álvaro, 1968.

TUMOLO, Paulo Sergio. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: Uma articulação possível?** *Educ. Soc.*, Campinas/SP, vol. 26, n. 90, p. 239-265, 2005.